

MULHERES E LOUCURA: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DA MEDICINA PSIQUIÁTRICA NA DETERMINAÇÃO DA MANICOMIALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NO BRASIL

Gésly Costa Morais (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Daniele de Andrade Ferrazza (DPI/UEM). E-mail: daferrazza@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Psicologia, Psicologia Social.

Palavras-chave: Michel Foucault; Psiquiatrização; Eugenia.

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de compreender o processo de psiquiatrização do corpo feminino e a constituição dos estereótipos de “loucura feminina” estipulados pela sociedade patriarcal e eugenista, de fins do século XIX e início do século XX. É por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa que se pretendeu estudar como o discurso psiquiátrico recaiu sobre a mulher e culminou no controle sobre seu corpo, através dos ideais de “boa mãe” e “boa esposa”, mantidos por instituições disciplinares, como os manicômios. A pesquisa foi dividida em dois momentos, o primeiro se pauta no método de inspiração genealógico proposto por Michel Foucault, para se analisar as obras “A mulher e a sociogenia” de Tito Lívio de Castro e “Eunice ou a educação da mulher” de Afrânio Peixoto, destacados psiquiatras brasileiros que debatiam sobre o feminino e a loucura. No segundo, através do instrumento de diário de pesquisa, analisamos o livro e documentário “Holocausto Brasileiro” de Daniela Arbex e “Em Nome da Razão” de Helvécio Ratto, os quais demonstram o sofrimento vivido pelas internas do Hospital Colônia de Barbacena-MG. Com isso, foi possível identificar que o pensamento médico eugenista do século XIX e XX ainda reverbera na atualidade por outros métodos que reproduzem os processos de psiquiatrização do corpo da mulher. O adoecimento feminino ainda está atrelado às questões de gênero – como de etnia-raça, classe social e performance sexual – uma vez que o sofrimento psíquico não está desvinculado dos problemas sociais, econômicos, políticos, culturais, negligências e preconceitos enraizados na sociedade.

INTRODUÇÃO

O processo de manicomialização dos corpos se deu com o advento do sistema capitalista e com o processo de Revolução Industrial durante o século XVIII. Naquele momento, instaurava-se na sociedade o ideário de norma e disciplina para a produção de corpos úteis e dóceis com o intuito de destiná-los ao trabalho fabril. Nesse sentido, uma nova ciência será configurada, a medicina psiquiátrica, a qual

denominará a loucura e a classificará em “doenças mentais” com o objetivo de corrigir e normalizar os denominados “corpos doentes” submetidos à internação em manicômios.

No que tange ao corpo feminino, o processo de manicomialização se dará principalmente no seu comportamento e no desempenho dos papéis de mãe e esposa, formulados e impostos pela sociedade, a qual ditava condutas a serem seguidas. Desse modo, a sociedade buscava educar e disciplinar as mulheres desde a infância para que estas ao crescerem e serem mães, estivessem aptas a ter filhos saudáveis, dóceis e produtivos.

Assim, os ideais eugenistas e higienistas da época se associam a psiquiatria em busca do aprimoramento e evolução da espécie humana por meio do controle dos corpos. Portanto, o objetivo desta pesquisa é compreender como a perspectiva disciplinar do pensamento médico psiquiátrico contribuiu para a manicomialização do corpo feminino, através da análise de obras que retratam a psiquiatrização da mulher, como as de Afrânio Peixoto (1944) e Tito Castro (1893), e obras que refletem o sofrimento vivido pela manicomialização, como as de Daniela Arbex (2013) e Helvécio Rattón (1979).

REVISÃO DE LITERATURA

A pesquisa está dividida em momentos para melhor discorrer sobre o processo de manicomialização do corpo feminino no Brasil. Primeiramente, buscou-se retratar, através do método de inspiração genealógico, proposto por Michel Foucault, como ocorreu a apropriação da loucura pela psiquiatria eugenista e higienista brasileira e como se fundamentou a manicomialização de mulheres que não correspondiam à norma estipulada. Dessa forma, Faé (2004) compreende o método genealógico como a presentificação do passado, ou seja, é a retomada dos momentos históricos para melhor compreensão dos acontecimentos presentes, possibilitando assim a problematização das relações de saber-poder que produzem realidades, saberes e subjetividades. Para tanto, foi analisado as obras dos psiquiatras do movimento higienista de final do sec. XIX e início do sec. XX: “A mulher e a sociogenia” de Tito Lívio de Castro (1893) e “A educação da mulher” de Afrânio Peixoto (1944). Ademais, analisou-se também publicações científicas, teses e dissertações sobre o tema, as quais foram selecionadas nas bases de dados *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e *Google Acadêmico*, para complementar o estudo. Tal leitura e análise das obras foi feita através do diário de pesquisa, em que era anotado aspectos relevantes dos textos, impressões pessoais, ideias e pensamentos acerca do tema estudado, os quais contribuiriam para o processo de escrita, a posteriori.

Em um segundo momento, foi analisado as determinações de internações femininas no Hospital Colônia de Barbacena-MG, durante os anos de 1903 a 1980, através dos relatos encontrados no livro e documentário “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex (2013), como também, no documentário “Em Nome da Razão” de Helvécio Rattón (1979). Tal análise foi feita através da leitura e síntese do livro de Daniela Arbex e contemplação e síntese dos documentários de Rattón e Arbex.

Por fim, no terceiro momento, a pesquisa buscou as possíveis relações entre as histórias analisadas nos livros e nos documentários com o processo de manicomialização da mulher brasileira e o seu descumprimento com o ideal normativo estipulado no século passado, o qual acarretou na sua institucionalização em manicômios pelo país.

DISCUSSÃO

O discurso médico coloca a mulher, considerada louca e fora da norma, como um ser pleno de características degenerativas e virtualmente perigosa para o plano de aperfeiçoamento da espécie humana. Assim, o corpo da mulher era visto como naturalmente “louco”, imprevisível, inferior e, principalmente, ameaçador para o projeto da sociedade disciplinar e precisava ser corrigido para que não gerasse filhos supostamente degenerados.

Tito Castro (1983) e Afrânio Peixoto (1944) foram médicos psiquiátricos que dedicaram suas carreiras na compreensão do que seria a “loucura feminina”. Tito Castro (1864-1890) era um grande defensor da fisiologia e da craniologia, e em sua obra reflete sobre a inferioridade craniana da mulher e os impactos na sua evolução física, mental e intelectual. Para o autor, tal inferioridade estava relacionada à proeminência da medula sobre o cérebro.

Já os escritos do médico Afrânio Peixoto (1876-1947) ressaltam também a hipótese da inatividade física e mental das mulheres, concomitantemente, à má educação dada ao longo dos séculos como fatores desencadeantes para a estagnação da sua evolução humana. Tal condição de submissão e privação no lar, cuidando apenas dos afazeres domésticos e da família, propiciou à mulher maiores condições de adoecimento psíquico, uma vez que ela era considerada uma espécie “pseudo-evoluída” e, por isso, propensa à loucura.

Para aqueles médicos psiquiatras, se a mulher era vista como incapaz, pouco evoluída e desqualificada de exercer qualquer outra função social se não o cuidado com o lar, os filhos e o marido, cabia a elas se restringir apenas a procriação, o cuidado e a submissão ao poder patriarcal. Logo, a mulher que não correspondesse adequadamente aos seus papéis tradicionais de mãe e esposa era compreendida como louca e degenerada pela sociedade e, principalmente, pelo saber-poder médico.

É o que se mostra nas obras de Arbex (2013) e Ratton (1979) sobre os casos das internas do Hospital Colônia de Barbacena, das quais foram manicomializadas por terem comportamentos supostamente “desviantes” dos esperados para uma mulher, como buscar por uma formação profissional, reivindicar seus direitos, ser mãe solo e não corresponder aos estereótipos de feminilidade. No decorrer das análises feitas, foi possível identificar o sofrimento gerado pelo internamento, abandono familiar, os maus tratos ocorridos dentro da instituição e a ruptura forçada da maternidade, pois muitas das internas eram mães e perderam o contato com seus filhos ou tiveram seus bebês entregues para adoção logo após o parto.

CONCLUSÕES

Compreende-se que o pensamento médico-psiquiátrico eugenista, patriarcal e higienista ainda reverbera e impacta no modo como a “loucura feminina” e o sofrimento da mulher é visto e tratado na atualidade. Seja no momento de escuta e acolhimento em saúde mental, seja na hora de diagnosticar, encaminhar e prescrever medicações psicofarmacológicas.

Ainda se segue na atualidade uma compreensão de mulher enquanto ser dócil, frágil, sensível e submisso, da qual se deve sempre aceitar os papéis de “mãe-esposa” e principal cuidadora do lar e da família. Desse modo, a escuta médica ainda está atrelada às questões de gênero – como também de etnia-raça, classe social e cultura – uma vez que o sofrimento psíquico não está desvinculado dos problemas sociais, econômicos e políticos, e tampouco das desigualdades, negligências e preconceitos enraizados na nossa sociedade.

Por fim, compreender a prática do profissional da saúde dentro dessas dimensões nos leva a ressaltar a importância das mobilizações antimanicomiais e da reforma psiquiátrica que lutam pela igualdade de acesso aos serviços de saúde mental de qualidade para todos - independentemente de sua origem étnica, gênero, performance sexual, religião e status socioeconômico – e na adoção de uma abordagem centrada no sujeito em sofrimento psíquico, levando em consideração as experiências singulares e a realidade social de cada pessoa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por tornar essa iniciação científica possível através do financiamento PIBIC, e a minha orientadora por todo apoio e suporte durante a elaboração da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARBEX, D. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração, 2013.

CASTRO, T.L. **A mulher e a sociogenia**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1893.

FAÉ, R. A genealogia em Foucault. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 409-416, set./dez. 2004. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/SmBLvMwckKwDZthfBJPNXBcM/?format=html&lang=pt> .
Acesso em: 7 Ago. 2023.

RATTON, H. **Em nome da razão**. Belo Horizonte: Quimera filmes, 1979.

PEIXOTO, A. **Eunice ou a Educação da mulher**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.